



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

## **O SENTIDO DA MORTE NO POEMA “MORTE E VIDA SEVERINA”**

PAULA DE SOUSA ALVES

CATOLÉ DO ROCHA- PB  
2014

**PAULA DE SOUSA ALVES**

**O SENTIDO DA MORTE NO POEMA “MORTE E VIDA SEVERINA”**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Sc. Marta Lúcia Nunes

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A474s Alves, Paula de Sousa.

O sentido da morte no poema "Morte e Vida Severina"  
[manuscrito] : / Paula de Sousa Alves. - 2014.  
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes, Departamento de  
Letras e Humanidades".

1. Morte. 2 .Poema. I. Título.

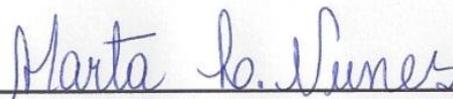
21. ed. CDD B869.1

**PAULA DE SOUSA ALVES**

**O SENTIDO DA MORTE NO POEMA “MORTE E VIDA SEVERINA”**

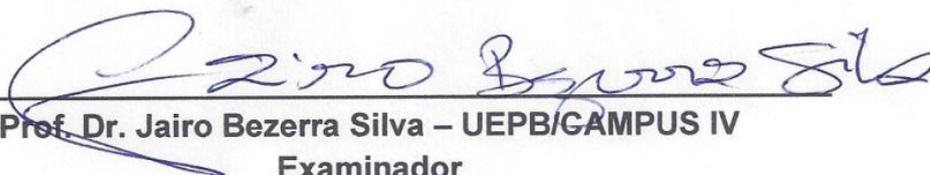
Aprovado em 22 de julho de 2014

**Banca examinadora**



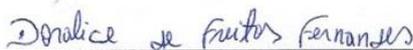
---

**Profa. Ma. Sc. Marta Lúcia Nunes – UEPB/CAMPUS IV**  
**Orientadora**



---

**Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva – UEPB/CAMPUS IV**  
**Examinador**



---

**Profa. Ma. Sc. Doralice de Freitas Fernandes – UEPB/CAMPUS IV**  
**Examinadora**

## **AGRADECIMENTOS**

Meu reconhecimento, em primeiro lugar a Deus por se fazer presente em todos os momentos, por ter me dado forças para enfrentar as dificuldades e os desânimos ao longo do curso, e principalmente por ter iluminado e guiado o meu caminhar, para que assim meus passos trilhassem o caminho mais correto possível.

Agradeço a minha família por ser o alicerce de todas as minhas conquistas. Vocês são responsáveis por este momento tão marcante em minha vida. Mãe, seu amor, seus conselhos e sua dedicação me fizeram acreditar que sou capaz de ir mais além. Pai, sua presença significa segurança e força para ultrapassar tamanhos obstáculos. Irmãos verdadeiros amigos, obrigada por sempre acreditarem em meu potencial.

A todos os professores que com seus ensinamentos proporcionaram o conhecimento, a manifestação do caráter e a afetividade pela educação. Em especial agradeço a professora mestra Marta Lúcia Nunes pela paciência nas orientações e pelos incentivos, que contribuíram de maneira significativa para a conclusão deste trabalho.

Aos colegas de curso pelas alegrias, dificuldades e vitórias compartilhadas. Em especial as amigas Gesiana, Francieide e Laura, companheiras de trabalhos e irmãs na amizade; com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que tenho produzido na vida. Obrigada pelas tardes de distrações e pelas boas risadas.

A Universidade Estadual da Paraíba que me concedeu a oportunidade de vislumbrar a janela do universo superior, o que me tornará uma pessoa ainda mais capacitada perante a sociedade.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda de sua individualidade.  
Edgar Morin

## RESUMO

O objetivo principal deste artigo consiste em analisar o sentido da morte no poema “Morte e vida severina” do autor pernambucano João Cabral de Melo Neto. O poema cabralino reflete a difícil vida dos sertanejos, principalmente os que habitam o sertão nordestino, além de apresentar para os leitores a figura de Severino, sujeito pobre e sofredor, que tem sua vida marcada pela miséria e pela dificuldade. No decorrer da análise refletiremos sobre o fim da vida, discutindo teoricamente algumas definições e mostrando algumas hipóteses sobre o porquê do espanto demonstrado pelos indivíduos quando a morte é tema de alguma conversa. Buscamos ampliar a discussão destacando as principais características que tornam o poeta João Cabral um engenheiro no campo das palavras. O trabalho se fundamenta em estudos teóricos de Freud (1997), Bosi (1994), Heidegger (2008), entre outros. Após a pesquisa realizada foi possível inferir que a morte presente na obra objeto de estudo é representada com o intuito de repassar os fatores negativos que rodeiam a classe dos menos favorecidos, dentre esses fatores pode-se destacar o sofrimento, a pobreza e a miséria.

**Palavras-Chave:**Morte. Poema.

## **ABSTRACT**

The main objective of this paper is to analyze the meaning of death in the poem "Death and Severina Life" author of Pernambuco Joao Cabral de Melo Neto. The Cabralian poem reflects the difficult lives of backland, especially those who inhabit the northeastern hinterland and presents to readers Severino, poor fellow sufferer, whose life marked by poverty and hardship. During the analysis reflect on the end of life, theoretically discussing some definitions and showing some hypotheses about why the astonishment shown by individuals when death is the subject of some discussion. We seek to broaden the discussion highlighting key features that make the poet João Cabral an engineer in the field of words. The work is based on theoretical studies of Freud (1997), Bosi (1994), Heidegger (2008), among others. After the survey was possible to infer that in this work the object of study is represented death in order to pass the negative factors surrounding the class of disadvantaged among these factors can highlight the suffering, poverty and misery.

**Keywords:**Death. Poem.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1 A MORTE NO ÂMBITO PSICOSSOCIAL.....</b>	<b>10</b>
<b>2 A MORTE NO POEMA “MORTE E VIDA SEVERINA”.....</b>	<b>14</b>
2.1 João Cabral: o poeta engenheiro.....	14
2.2 Análise da morte no poema “Morte e vida severina”.....	16
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

Caracterizada pela incerteza, mistério, e conseqüentemente pelo medo, a morte consiste em uma temática difícil de ser discutida na sociedade. Abordar a questão da cessação da vida é de certo modo um assunto aflitivo, pois, aproxima o ser humano cada vez mais do inevitável, da certeza de que um dia todos encerraremos nossa caminhada terrestre.

Desde muito cedo, o indivíduo convive com separações temporárias, como por exemplo, mudança de escola, de casa, de emprego, etc., mas em um determinado momento da vida todos são obrigados a enfrentar a separação definitiva, ou seja, a morte. A recusa cada vez maior do homem com relação à aceitação da morte tem por consequência provocar na sociedade uma inquietação e um desconforto.

A consciência da morte está internalizada em cada ser humano de maneira única, talvez seja esse o motivo pelo qual o homem assume em seu intelecto uma expressão desesperadora e, muitas vezes, insuperável. Embora esteja presente no dia-a-dia, a maioria das pessoas não admite a ocorrência dela em sua vida, e por causa disso alimentam a idéia de que a morte é sempre para o outro e nunca pra si mesmo.

Após uma breve explanação sobre o fim da existência humana e a inquietação ocasionada na sociedade, o foco principal do nosso trabalho está em analisar o sentido da morte no poema “Morte e vida severina” do autor João Cabral de Melo Neto.

“Morte e vida severina” é um poema de natureza regionalista, que propõe para o público leitor um olhar expressivo sobre a região nordeste, destacando a difícil realidade social. Além disso, o poema apresenta de maneira significativa a figura do sertanejo, como sujeito pobre e trabalhador que padece diante dos obstáculos da vida.

O protagonista do poema cujo nome é Severino encontra-se diante de uma trajetória muito difícil, com o objetivo de sair do cenário da morte (sertão), e partir para o cenário da vida (litoral), na tentativa de conseguir melhores condições de sobrevivência. Porém, no caminho, ele se depara apenas com a situação de morte, presenciando vários velórios e sendo vítima de diversos empecilhos, o que provoca em Severino dúvidas e questionamentos no que se diz respeito à vida.

Após sua chegada ao litoral, o retirante percebe que a cidade apresenta uma complexa realidade que de certa forma se assemelha a do sertão nordestino, mesmo desacreditado e cansado o retirante não desiste de sua incansável batalha. Com firmeza, mostra para sociedade que os nordestinos são pessoas marcadas pelo sofrimento, mas que possuem em seu íntimo o otimismo e a esperança.

## 1 A MORTE NO ÂMBITO PSICOSSOCIAL

O conceito de morte segundo o dicionário Aurélio Buarque de Hollanda (2001, p.472) é o, “ato de morrer, cessação da vida. Destruição, ruína. Pesar profundo”. Já Houaiss (2011, p.649) conceitua a morte da seguinte forma “fim da vida; término de qualquer coisa; grande pesar.” Os referidos conceitos atribuídos à morte apontam para o sentido da inexistência do ser humano, assim como para a destruição de suas realizações e de seu futuro.

Kubler-Ross (1996) revela que a morte é um vento gelado que sopra e apaga a chama da vida, prevalecendo apenas à sensação de um dia ter existido. Para Morin (2001) a morte é um desastre, após sua chegada, a vida humana perde a significação. Apreendemos que os dois estudiosos possuem o mesmo ponto de vista, o que difere é apenas o modo de expressão. Sendo assim as duas opiniões retratam que a morte é uma destruição que domina o ser humano com um conhecimento intuitivo sobre sua existência.

Assim sendo, morte é um fenômeno que faz parte do processo de desenvolvimento humano, podendo acontecer em qualquer fase da vida; entretanto, o ser humano nunca está preparado para enfrentar esse fenômeno que tanto amedronta a sociedade. Os questionamentos levantados pela humanidade a respeito da morte e de que forma ela acontece ainda ocorrem de maneira delicada, e muitas vezes se torna um assunto que sempre fica em segundo plano. O fato de saber que não tem como escapar dessa destruição é o que a torna um assunto admirável.

A humanidade se encontra em meio a um processo contínuo de divergência no que se diz respeito à vida e a morte, ou seja, o ser humano está sempre preocupado em afastar de sua mente a ideia desse fenômeno, por outro lado preferem alimentar a fantasia de que a morte só acontece com seu próximo e nunca consigo mesmo, como comprova Mannoni (1995, p.35):“muitos indivíduos de nossa sociedade não aceitam esse acontecimento fenomenal e acabam por idealizar a concepção de que a morte é algo que pertence sempre ao outro e nunca a si mesmo”. Kovács (1998, p.40) ressalta que “a morte envolve sempre dois indivíduos, um que é perdido e o outro que lamenta sua falta, sendo que o outro é em parte internalizado na memória, na lembrança numa situação de elaboração do luto”.

Quando a perda de um indivíduo ocorre de maneira trágica e inesperada acontece uma desorganização, uma paralisação e um sentimento impotente daquele que partiu, é a partir desse momento que o luto se faz presente. Freud (1997) ressalta que o luto é uma reação a perda de uma pessoa querida, um desânimo profundo que envolve o ser humano, uma vez que, o indivíduo possui o conhecimento a respeito de quem partiu e sobre o que esse alguém levou consigo, como por exemplo, recordações, lembranças e etc.

Apesar da morte ainda ser a única certeza de que temos na vida, são vários os sentimentos que aparecem diante dela, dentre eles destaca-se o medo da solidão, da eternidade e de não poder concluir os respectivos sonhos perante a sociedade. Uma das vontades do ser humano é de ser imortal, já que a morte não é encarada como algo que faz parte da vida, pelo contrário é vista como o oposto dela. O fim da existência será sempre um motivo de preocupação para o homem. A esse respeito Kovács (1998, p.45), afirma:

Pensar no morrer incomoda, porque viver também incomoda afinal o homem vive em busca de um significado para a vida e tenta inutilmente encontrar significado “fingindo” que é imortal e que a morte nunca vai chegar, pois com tal fantasia haverá muito tempo para procurar e encontrar um sentido para a vida.

Desta forma não se pode alimentar a ideia de que somos imortais, pelo contrário somos todos seres mortais, temos a liberdade de lidar de maneira compreensiva ou não com a morte, mas de forma alguma podemos fugir. Sendo assim a morte é uma etapa da nossa existência com a qual temos que conviver, não podemos mudar o fato de que o ser humano vai deixar de existir, podemos mudar a forma de encará-la, afinal desde o nascimento já trazemos conosco a possibilidade do fim da vida.

“Não há nenhuma experiência humana que possa ser comparada à morte, ela é tão única que sequer permite a possibilidade de tematização por parte de quem a vivencia” (HEIDEGGER, 2008, p.320). Em um primeiro momento o estudioso observa que a morte é uma só, não existe variações, em seguida ele afirma que não existe um indivíduo capaz de enfrentá-la e ser um vencedor diante desta. Perante isso o motivo de tamanha inquietação é justamente a ideia da não-existência, o fim da vida individual.

A sociedade permanece centrada no indivíduo, a relação de convivência com o próximo acontece de maneira insensível, isso ocorre pelo fato de priorizar a valorização da existência individualista, se posicionando como sujeito autônomo e auto-suficiente, cercado pelo desejo de competição a fim de conquistar um bom espaço na sociedade e acumular riquezas. Deste modo a ideia de morte chega ao estágio final da vida quando se cumpre toda a normalidade, ou seja, todo o ciclo que está dividido nas seguintes etapas, nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e por fim morrer. Afinal quando todas essas etapas se cumprem o indivíduo perde seu espaço na sociedade, deixa de existir e sua vivência perde a validade.

Qualquer pessoa que decidir tomar como assunto a morte em uma conversa entre amigos será em seguida impedida de continuar e o tema da conversa logo se guiará para outra direção. A imagem da morte é poupada, pois ela pode vir a qualquer momento, tirando-nos dos prazeres terrenos e causando dor aqueles mais próximos. Tenta-se viver como se ela, de fato, não existisse, pois “a idéia de morte e o medo que ela inspira perseguem o animal humano como nenhuma outra coisa” (BECKER, 2007, p.25).

De acordo com Heidegger (2008) falar da morte provoca no ser humano a necessidade de afastá-la de si, provocando o rompimento com sua própria personalidade, mas a partir do momento que o indivíduo aceita que esse fenômeno faz parte da vida, ele consegue compreender a sua existência de maneira autêntica. A maioria dos indivíduos pretende esquematizar suas funções sociais no futuro, com a esperança de manter o futuro estável, mas quando o indivíduo é acometido por uma enfermidade tais funções são ameaçadas, são estas funções socializadas que os seres humanos temem perder, pelo fato de não mais existirem.

No momento em que o ser humano individualiza a morte ao mesmo tempo ele passa a ter consciência dela, e procura alimentar crenças e mitos que negam o fim de sua existência através da imortalidade, entre outras formas que eternizem sua presença no mundo. É um acontecimento inevitável com diversos significados, para alguns o fim, para outros o início de uma nova etapa. Qualquer que seja a maneira de encarar a morte, esta não deixa de ser um marco assim como os outros momentos da vida.

Na concepção de Keleman (1997), a vida é feita de momentos importantes, os quais focalizam novas direções, são ritos de passagem. Por conseguinte a morte está presente na vida como um desses ritos, visto que morrer é como ir à escola

pela primeira vez, é como o primeiro emprego, invoca o inesperado, o desconhecido e sentimentos como angústia, medo, desespero e etc.

## 2 A MORTE NO POEMA “MORTE E VIDA SEVERINA”

### 2.1 João Cabral: o poeta engenheiro

O poeta pernambucano João Cabral está cronologicamente situado numa época, literariamente falando, marcada pela tão conhecida geração de 1945, uma fase de literatura intimista, introspectiva e de traços psicológicos, a qual tinha como objetivo principal valorizar de maneira específica a expressão poética e a forma, essa geração surgiu a partir dos trabalhos desenvolvidos pelos poetas que produziram uma literatura oposta às inovações modernistas de 1922.

Nascido em Recife em 1920 e falecido no Rio de Janeiro em 1999, João Cabral é o mais importante poeta da geração de 1945, desde cedo demonstrava interesse pela palavra e tinha o desejo de ser crítico literário. Dada essa condição, o poeta deixou evidente o desapego ao sentimentalismo exacerbado, tão cultuado pelos escritores do romantismo e sempre teve consciência crítica no que diz respeito à construção de seus poemas. O trabalho de João Cabral desfaz a ideia de escrever através da inspiração, como o próprio poeta afirma “para mim, esse negócio de inspiração não funciona. Sou incapaz de em uma sentada produzir um poema definitivo”. (CAMPEDELLI & JUNIOR, 1982, p.99).

Além do planejamento, suas obras apresentam duas linhas-mestras ou vertentes: a metalinguística e a participante. A metalinguística é aquela que abrange o próprio fazer poético. Sobre essa vertente, Neto (2011, p.52), ressalta; “metalingüística é quando o autor se utiliza da linguagem para falar sobre a própria linguagem”, ou seja, é o próprio texto como mediador de alguma mensagem ou de algum ensinamento. Para uma melhor compreensão sobre metalinguística têm-se como exemplo uma estrofe do poema cabralino “Catar feijão”.

Catar feijão se limita como escrever \ jogam-se os grãos na água do  
alguidar \ e as palavras na folha do papel; e depois, joga-se fora o  
que boiar\ Certo, toda palavra boiará no papel \ água congelada, por  
chumbo seu verbo\ pois para catar feijão, soprar nele, é jogar fora o  
leve e oco, palha e eco. (MELO NETO, 1997, p.279).

Podemos perceber que o poeta utiliza um simples ato do cotidiano, que é o de catar feijão, e compara-o com a prática da escrita, ou seja, assim como os grãos

devem ser minuciosamente escolhidos, as palavras devem ser muito bem articuladas para que haja clareza no que se refere ao exercício da linguagem, ou seja, a escrita propriamente dita é algo complexo que requer habilidade e competência.

A vertente participante é caracterizada por ser aquela em que o poeta expõe traços relacionados às questões sociais tendo como plano de fundo o cenário nordestino, abordando todos os problemas, tais como a fome, miséria, pobreza, etc. Porém, tal habilidade é significativa, pois o poeta consegue transformar todas essas questões em elementos essencialmente poéticos, capturando toda a essência presente nesses elementos, a exemplo dessa vertente destaca-se o poema “Morte e vida severina”, o qual apresenta para o leitor a problemática social dos retirantes nordestinos.

O trabalho poético de João Cabral está marcado pela objetividade, na tentativa de desvendar os elementos concretos da realidade, a construção do texto, e o rigor em sua organização, desconsiderando o sentimentalismo, emoção e a beleza dos fatos. No desenrolar de seus trabalhos o autor se mostra bastante preocupado com a estética e com a arquitetura da poesia, de modo que o leva a construir palavra sobre palavra, como faz o pedreiro em seu exercício diário, coloca-se pedra sobre pedra para que seu trabalho seja cumprido com êxito.

Por ser capaz de construir uma poesia mais pensada, racional, combatendo o lirismo romântico, João Cabral passou a ser conhecido como o poeta engenheiro, o qual age com cautela no campo da escrita, fazendo referência ao vocabulário sertanejo, “o sertanejo fala devagar tem de pegar as palavras com cuidado, confeitá-las na língua, rebuçá-las: pois toma tempo todo esse trabalho”. (MELO NETO, 1973, p.08), justificando deste modo o quanto o ato de escrever exige precaução, é preciso que as palavras sejam experimentadas, literalmente falando, e não podem ser atribuídas sem que antes tenham um conhecimento prévio de sua significação e de seu valor dentro do texto.

De acordo com Campedelli & Junior (1982), a subjetividade não é aspecto principal, pois na concepção cabralina esse elemento interessa aos poetas que estão preocupados somente com seus sentimentos íntimos e particulares. Nos poemas de João Cabral existe a subjetividade apenas na construção, pois esses foram escritos de maneira individual, ou seja, por um único autor.

Em seus textos, o poeta não está preocupado com a individualidade, pelo contrário, pretende que seus poemas se tornem independentes e interajam com o público leitor, de modo a ampliar a comunicação. João Cabral é considerado um arquiteto da poesia, pois cada verso é estruturado de maneira consistente ao próprio poema. Um ideal alcançado pelo poeta é a simetria, isto é, a igualdade dos versos, seu apego pela harmonia das palavras foi fruto das inúmeras revisões e das contínuas reorganizações dos poemas.

De acordo com Pignatari (2005), fazer uma poesia é justamente ter a habilidade de transformar os símbolos linguísticos, (palavras), em ícones (figuras), desse modo o fazer poético significa a condensação das ideias trazidas pelo escritor, vale salientar que na concepção do estudioso supracitado a poesia não pode ser elaborada com algum tipo de finalidade, ou seja, a poesia não pode ser usada como veículo para denunciar determinado problema.

A poesia é em João Cabral um modo de comunicação, a qual é elaborada com determinada finalidade, em contraposição ao ponto de vista acima citado, o poema “Morte e vida severina” ganhou destaque no âmbito da literatura justamente pelo fato do poeta apresentar a realidade nordestina e os problemas críticos sociais por meio de simples versos, colocando o leitor frente a frente com a realidade de muitos, principalmente dos habitantes da região nordeste. No entanto os problemas sociais presentes nos trabalhos do escritor levam-no a um caráter crítico do texto, para que dessa maneira rompa-se com o sentimentalismo emocional da tradição poética, ainda predominante na nossa cultura.

## **2.2 Análise da morte no poema “Morte e vida severina”**

“Morte e vida severina” é um poema que traduz o universo do estado pernambucano, destacando as dificuldades e crises enfrentadas pela população pobre da região. É uma composição narrativa, de natureza épica, com fortes marcas religiosas, e com a linguagem próxima do registro oral. O poema apresenta em sua construção, diversos aspectos do folclore nordestino e, especificamente do folclore pernambucano, que são distribuídos ao longo das dezoito cenas que o compõem.

O subtítulo do poema, Auto de natal pernambucano, remete para a tradição medieval ibérica em que o termo “auto” era utilizado para designar as peças de teatro apresentadas pela população, uma vez que, os temas abordados nas peças

podiam ser de cunho religioso, pedagógico ou moral. O termo Auto de natal refere-se à semelhança existente entre o poema e a festa do nascimento de Jesus, pois da mesma forma que a criança recém-nascida trouxe esperança para o retirante Severino, o filho de Deus ao nascer trouxe a salvação e a esperança de um mundo melhor.

Na obra objeto de estudo o autor usa preferencialmente o verso heptassílabo, a chamada medida velha, ou redondilha maior, distancia-se de todo hermetismo e escreve com objetivo de ser entendido pelo povo sem tornar o seu texto popular, para isso o poeta agrupa forma, conteúdo e linguagem numa só tríade. “Morte e vida severina” é o poema que possui um total equilíbrio no que se diz respeito à forma e o encaixe das palavras, que Bosi comprova ao afirmar:

É o seu poema longo mais equilibrado entre rigor formal e a temática participante, conta o roteiro de Severino, um homem do Agreste que vai a demanda do litoral e topa em cada parada com a morte, presença anônima e coletiva, até que no último pouso lhe chega à nova do nascimento de um menino, signo de que algo resiste à constante negação da existência (1994, p.471).

Para João Cabral (2000), o fator poético ocorre a partir do trabalho com a linguagem, tarefa que se inicia pela seleção de palavras e da sua disposição na frase, incluindo aspectos sonoros, semânticos e morfossintáticos. O título “Morte e vida severina” remete à essência do poema, uma vez que, o determinante severina altera o interpretante, ou seja, o adjetivo se encontra carregado de densidade, história, luta, sentimento, ao mesmo tempo que provoca uma situação ideológica resumida, sendo assim Bakhtin (1988, p.95) ressalta que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo, de um sentido ideológico ou vivencial”.

A primeira estrofe do poema é composta pela apresentação de Severino, para tanto, usa referências pessoais de sobrenome e nomes geográficos, ele era mais um Severino, o qual suas características são de certo modo iguais a tantos outros, iguais em sofrimento, dificuldade e até mesmo na dor, ocupando um mesmo espaço geográfico de seca, fome, miséria, ignorância e morte.

E se somos muitos Severinos/ iguais em tudo na vida/ morremos de morte igual/ mesma morte severina/ que é a morte que se morre/ de velhice antes dos trinta/ de emboscada antes dos vinte/ de fome um pouco por dia/ de fraqueza e de doença/ é que a morte severina/ ataca em qualquer idade/ e até gente não nascida. (MVS<sup>1</sup>, 2009, p.100).

Podemos entender que a identidade do retirante é construída pelo pessimismo, pelo sofrimento, isso acontece pela sina que está presente não só em Severino, mas em grande parte dos habitantes do sertão, isso faz com que os próprios nordestinos vejam o sertão como um cenário de morte, e o litoral como uma esperança de vida. Outra questão a qual impulsiona o retirante a sair de seu lugar de origem é a morte de muitas pessoas devido às péssimas condições de vida, já que a vida é tão severa, a morte por mais triste que seja se torna a melhor solução.

Vimos no início desse trabalho, que a morte é um fenômeno que nos cerca desde o nascimento e está presente em todas as fases da vida, no primeiro momento da caminhada é com a morte que o retirante se encontra, Severino se depara com dois homens carregando um defunto numa rede, eram os irmãos das almas, comuns no sertão nordestino, a eles cabe, gratuitamente, lavar e vestir o defunto e posteriormente enterrá-lo em lugar digno. Inquieto, Severino pergunta o porquê da morte, e fica sabendo que o mataram por questão de terra.

O retirante oferece sua ajuda “e podereis ajudar irmãos das almas? [...] bem que poderá ajudar irmãos das almas [...] e um de nós pode voltar, mais sorte mesmo tem o defunto, irmão das almas, pois não fará na volta a caminhada” (MVS, 2009,p.105). No diálogo que o retirante estabelece com os que conduzem o morto, Severino aos poucos conhece as causas que levam à morte prematura, que ataca em qualquer idade, muitas vezes por um único motivo, concentração de terras. Observamos que a morte é vista pelos indivíduos como sendo o melhor repouso para quem vive uma vida difícil, isso significa dizer que os sertanejos têm consciência de que sua vida não terá melhoria e o verdadeiro descanso só será possível com a chegada da morte.

Todas as vezes que Severino se depara com a morte, é como se fosse uma antecipação do seu próprio fim. Ao revelar as causas da morte do lavrador, os irmãos das almas incorporam o discurso de outros, ou seja, daqueles que detêm o

---

<sup>1</sup> Ao longo do trabalho, as referências ao poema “Morte e vida severina” serão feitas através das iniciais MVS.

poder. Assim, de forma clara eles apresentam o motivo da morte, como destaca os versos a seguir, “tinha somente dez quadras, irmão das almas, todas nos ombros da serra [...] mas então porque o mataram com espingarda? Queria mais espalhar-se, irmão das almas, queria voar mais livre essa ave-bala.” (MVS, 2009, p.104).

A ave-bala, nesse contexto, representa a morte, exploração e o poder. Desta forma não significa dizer que os irmãos das almas, interiormente, não tenham clareza da exploração sofrida, pelo contrário, a ave-bala aparece como elemento que garante a lógica na construção do texto, marcada pela dúvida e pela ironia. O discurso traduzido pelos irmãos das almas é recebido pelo interlocutor de forma natural, estabelecendo um intercâmbio dentro do universo linguístico criado pelo locutor/interlocutor, pois Severino compreende perfeitamente as palavras proferidas pelos coveiros sobre as causas reais da morte severina. A necessidade de interrogar os irmãos das almas é precisa, uma vez que é por meio das perguntas que o retirante formula que esses induzem suas respostas.

Continuando o seu destino, Severino encontra-se com a morte do rio Capibaribe, que como tantos rios do sertão no verão também diminuem a quantidade dos lençóis de águas, a pobreza do rio atrapalha o destino final do retirante, uma vez que, seriam as águas do rio que iriam nortear o seu trajeto. Há nessa passagem uma identificação do personagem com a natureza, com o espaço geográfico, pois ambos sofrem com as consequências trazidas pela seca. Para essa ameaça entre homem e rio, Secchin (1985) diz que o resgate do ser humano e a humanização do rio serão procedimentos repetitivos, tais intervenções avisarão o que há de menos e de frágil no outro elemento.

Da nascente até o Recife é o percurso feito pelo rio, nele são evidenciados os elementos improdutivos, o rio que seria naturalmente sinônimo de vida, naquele contexto evidencia os sinais e as imagens da morte. Freud (1997) vem dizer que todo indivíduo tem em si uma imagem virtual do que seja a morte, estas imagens se manifestam de maneiras diferentes, dependendo de sua cultura, história de vida e de seu desenvolvimento emocional. A frustração do retirante diante da morte, visto que pensava encontrar vida, lhe desperta o desejo de interromper a viagem, assim como acontecera com o rio.

Desde que estou retirando/ só a morte vejo ativa/, só a morte deparei e as vezes até festiva;/ só a morte tem encontrado/ quem pensava encontrar vida/, e o pouco que não foi fome/, foi de vida severina/ aquela vida que é menos vivida que defendida/, e é ainda mais severina/ para o homem que retira/ [...] Na verdade, por uns tempos/, parar aqui eu bem podia/ e retomar a viagem/ quando vencesse a fadiga/ [...] (MVS, 2009,p.109)

Na sequência do texto, Severino não se depara diretamente com a morte, faz apenas referência a ela, na fala de sua interlocutora. No diálogo travado entre o protagonista e a mulher da janela, podemos entender que Severino é excluído literalmente do trabalho que deseja realizar, essa conversa apresenta todo o serviço que o retirante se dispõe a fazer, todos os ofícios por ele anunciados, lavrar a terra, cuidar de lavouras, gado, moenda e etc. Enfim, nada do que é proposto interessa à mulher, porque representam produção, enquanto que a economia naquele lugar não permitia avanço, pois a morte era o único meio lucrativo, e o trabalho só era exercido por “[...] aqueles que viviam de a morte ajudar” (MVS, 2009, p.114).

Seguindo seu destino o retirante chega à zona da mata, e de imediato alimenta a ideia de inovação, pois está em lugar no qual a morte não existe com tamanha frequência, surpreso, o retirante se depara com o cemitério e afirma “aquele cemitério ali, branco na verde colina, decerto pouco funciona e poucas covas aninha” (MVS, 2009, p.117).

Outra vez se engana e suas esperanças falecem, o retirante não consegue enxergar melhorias, pelo contrário é a morte que continua marcando seu trajeto, pela segunda vez Severino presencia o enterro de mais um trabalhador. Assim sendo Freud (1987) constata que o ser humano é uma criatura que em certos momentos se torna incapaz de aceitar o fim da vida, pois não é fácil lidar com a ideia de morte, na verdade o grande medo que existe com relação à morte é exatamente o medo do desconhecido.

Severino resolve apressar os passos para chegar logo ao desejado litoral, onde em sua concepção seria o melhor lugar para viver, para ele só tem sentido viver em um lugar onde oferece empregos e muitas oportunidades para melhorar de vida. Envolvido pelo fantástico o retirante chega ao Recife, cansado da extensa viagem resolve sentar-se por trás de uma parede alta e decorada sem que percebam sua presença, e escuta mesmo sem querer a conversa entre dois coveiros.

“O dia de hoje está difícil [...] deviam dar um aumento, ao menos deste setor de cá. As avenidas do centro são melhores, mas são para os protegidos: há sempre menos trabalho e gorjetas pelo serviço [...] toma mais tempo enterrar um rico” (MVS, 2009, p.123). No diálogo dos coveiros apreendemos uma análise social, na qual eles apontam que os cemitérios, tal como a sociedade, divide-se em níveis de acordo com a condição social de cada um. A miséria a que os coveiros se referem aparece de maneira gradativa dependendo do bairro de onde provém o falecido.

[...] este setor de cá é como estação de trens/: diversas vezes por dia/ chega o comboio de alguém/. [...] se teu setor é comparado à estação central de trens/, o que dizer de Casa Amarela/ onde não para o vaivém?/ Pode ser uma estação/, mas não estação de trem:/ será parada de ônibus/, com filas de mais de cem. (MVS, 2009, p.124)

Percebemos que a morte é mais frequente no cemitério de Casa Amarela de que no de Santo Amaro, fica evidente por meio desse fragmento a heterogeneidade entre as populações, pois há com mais frequência enterros no cemitério que é destinado a população menos favorecida, classe baixa, do que a população de classe média que de certo modo possui melhores condições de vida. E em maior proporção de miséria estão os retirantes expulsos de suas terras, a esses o coveiro apresenta uma única saída, para eles “seria mais rápido e também muito mais barato que os sacudissem de qualquer ponte dentro do rio e da morte”. (MVS, 2009, p.128).

Essa passagem é decisiva para Severino, que sempre lutou de forma obstinada pela vida, mas a partir de então passa a defender um discurso de morte, a simbologia que traz a respeito do litoral pouco a pouco se extingue, levando-o a concluir que toda sua viagem foi em vão, a vida do litoral não passa de uma falsa fantasia, não existe vida sem que seja rígida. Nesse momento há uma conscientização por parte do retirante, pois desde o início da sua trajetória, embora ele lutasse de forma obstinada pela vida, só encontrara a morte.

Desesperançado o retirante Severino passa a defender o discurso de morte, o que o leva a seguinte decisão, “[...] Seu José mestre carpina, que diferença faria se em vez de continuar tomasse a melhor saída: a de saltar, numa noite, fora da ponte e da vida?” (MVS, 2009, p.134). Para combater esse discurso negativo, eis que surge seu José mestre carpina, o qual tenta convencer o retirante a lutar, mesmo

que seja por uma vida difícil. Várias indagações embaraçam a mente de Severino, para ele tudo que encontrou no percurso foram apenas sinais que tinham por objetivo mostrar que a vida não tem sentido e o melhor a se fazer era desistir de tudo, inclusive de viver.

É o mestre carpina que o leva a refletir sobre a importância de lutar pela sobrevivência, “Severino, retirante, sou de Nazaré da Mata, mas tanto lá como aqui jamais me fiaram nada: a vida de cada dia cada dia hei de comprá-la.” (MVS, 2009, p.134). As reflexões feitas pelo carpinteiro para desconvencer o retirante da ideia de suicídio, reprovam toda a forma de acomodação no que se refere à diferença entre lutar ou desistir, mesmo num mar vasto de miséria, há um chamado a lutar em favor da vida, e para justificar o sentido da vida o mestre carpina destaca:

E não há melhor resposta/ que o espetáculo da vida/: vê-la desfiar seu fio/, que também se chama vida/, ver a fábrica que ela mesma/, teimosamente, se fabrica/, vê-la brotar como há pouco/ em nova vida explodida;/ mesmo quando é assim pequena/ a explosão, como a ocorrida;/ mesmo quando é uma explosão/ como a de há pouco, franzina;/ mesmo quando é a explosão/ de uma vida severina.(MVS,2009,p.144).

De acordo com Freud (1987) embora pareçam compreensões adversas, a vida e a morte estão conectadas, pois onde há vida, encontramos também a morte. É importante observar a persistência e a desordem interna que esses dois conflitos exercem num indivíduo. Trazendo a concepção Freudiana para o corpus de nossa análise percebemos que o retirante Severino estava cercado pelos dois acontecimentos, só que a morte tinha um total domínio sobre a vida, justificando o pessimismo do sertanejo, o retirante vivia, mas não percebia o real sentido de sua existência.

Deste modo o poema de João Cabral é marcado pela morte e pela vida, de modo que a morte é caracterizada pela dificuldade que o retirante enfrentou do início ao fim de seu trajeto, e a vida caracteriza-se por ser a esperança que surge quando tudo parece está perdido, além disso, o poema apresenta uma mensagem de caráter prático, pois a vida independente de forças maiores ela mesma se fabrica, sempre persistente e de maneira passiva, igualando a todos, pois uma vida mesmo que seja rígida não se distingue de outras vidas menos abatidas pela miséria e pela dificuldade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discorrer sobre o comportamento da sociedade diante da morte, enfatizar as inquietações e o medo ocasionado por esse fenômeno, observamos a figura de Severino, sujeito cercado pelo pessimismo que sai de seu habitat natural à procura de melhorias para sua sobrevivência.

A situação conflituosa já nos é apontada no início do poema, quando Severino encontra dificuldades para diferenciar-se dos outros Severinos, que além de possuírem o mesmo nome, são também marcados pelo mesmo destino da seca, oprimidos pela mesma realidade e fadados à mesma vida e morte. A trajetória do retirante nordestino é vista como uma maneira de representar o sofrimento do povo do sertão, deste modo, quem vive uma vida cercada por dificuldades, dificilmente consegue estabelecer uma identidade particular. Todos os sertanejos vão se tornando Severinos, isto é, adquirindo a mesma atitude, afastamento diante da realidade, impaciência diante da vida e o medo perante a morte.

Sendo assim, a morte representada na Obra objeto de estudo tem o desígnio de repassar para o público leitor os problemas sociais, as dificuldades e indigências que enfrentam os indivíduos de uma determinada região, além de retratar o quanto as amarguras e o quadro de opressão da vida sertaneja podem desumanizar e despersonalizar o ser humano.

Ao final do nosso trabalho concluímos que o poeta não pretende apenas denunciar uma realidade já conhecida, mas também mostrar para o leitor que por mais que a vida seja difícil, sofrida e cheia de coisas negativas, esta tem o seu respectivo valor, e quando o desânimo abraça o corpo cansado de lutar, eis que somos surpreendidos com a explosão de novas vidas, que passarão pelos mesmos problemas, terão as mesmas esperanças e sofrerão as mesmas decepções.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Michael. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988.

BECKER, Enerst. **A Negação da Morte**. Rio de Janeiro, Record, 2007.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

CAMPEDELLI Samira Youssef. JUNIOR Benjamin Abdala. **Literatura Comentada: João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque da Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREUD, Sigmund. **Sonhos com Mortos**. Imago, Rio de Janeiro, 1987.

\_\_\_\_\_. Luto e Melancolia In: Obras Completas de Freud; São Paulo, 1997.

HEIDEGGER Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2011.

KELEMAN, Stanley. **Viver o seuMorrer**. São Paulo: Summus,1997.

KOVÁCS, Maria Julia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. Casa do Psicólogo: São Paulo, 1998.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MANNONI, Maud. **O Nomeável e o Inominável**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1995.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e Vida Severinae outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

\_\_\_\_\_.**Antologia Poética**. 2ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

\_\_\_\_\_.**A Educação pela Pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

\_\_\_\_\_.**Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

NETO, Amador Ribeiro. **A Linguagem da Poesia**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.

PIGNATARI, Décio. **O que é Comunicação Poética**. 8ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

SECCHIN, Antônio Carlos. **A poesia do menos**. São Paulo: Duas Cidades, 1985.

